## MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP DEZEMBRO DE 2023 ANO 8 | RIBEIRÃO PRETO AV. COSTÁBILE ROMANO, 2201 | (16) 3603.6716

ENTREVISTA: TIETA ÉDER OLIVEIRA DE MELO

## PRECONCEITO É DOENÇA. INFORMAÇÃO É CURA

Vereadora transexual e presidente da Câmara Municipal de São Joaquim da Barra, Tieta luta para ser ouvida

## Repórter: Susana Oliveira

Tieta Éder Oliveira de Melo, 50 anos, vereadora pelo MDB e presidente da Câmara Municipal de São Joaquim da Barra (SP), palestrante e técnica de enfermagem conta os desafios que sofre diariamente como uma mulher transexual atuando na política em uma cidade pequena do interior do estado. Expulsa de casa aos 17 anos de idade, Tieta ficou 20 anos sem conversar com o pai. A vereadora diz que passou fome e chegou a comer alimentos retirados de latas de lixo nas ruas. Além disso, passou frio, teve medo, pensou em desistir e acabar com a própria vida. Mas, mulher de fé, explica que "quando tudo parece perdido, Deus abre as portas necessárias". Se chegou até aqui, afirma, algum propósito deve ter. "Se servir de exemplo e inspiração posso dizer que

cumpri minha missão". **MURAL ENTREVISTA -**A cidade te acolheu bem como vereadora, por conta da sua identidade de gênero?

TIETA MELO - Em 2016

fui eleita com 732 votos e em 2020 fui reeleita com por ser funcionária pública da cidade. Mas, existe uma parte conservadora da cidade que ainda tem muita resistência em aceitar o que é "diferente".

A senhora possui alguma estratégia para estabelecer diálogo e colaboração com outros políticos em prol dos direitos da comunidade lgbtqiap+?

Ă palavra LGBTQIAP+ assusta os políticos mais velhos. Por isso, o diálogo é muito importante nesse sentido e há um descasocal muito grande de outras autoridades. Somos ainda minorias nesses espaços.



**Falando em minoria, o que** resistência em implantar 1.945 votos. Já era conhecida **a senhora tem a dizer sobre** políticas públicas para as **ser a única mulher trans** minorias. entre mulheres e homens cis presentes na Câmara?

> Eu sou a primeira vereadora trans, a primeira mulher trans presidente da Câmara de São Joaquim da Barra, rompendo uma hegemonia de décadas de administração feita por homens. Esse título de ser a primeira trans serve de inspiração e exemplo para muitos LGBTs. Se acreditamos, podemos chegar onde quiser.

Quais os maiores desafios que a senhora enfrenta na sua atividade política? O preconceito, a falta

de respeito, a inveja, a

Sente-se ou já foi claramente ameacada? De onde partem os principais ataques?

Já passei por insultos verbais, perseguições políticas, ameaças em redes sociais, ameacas anônimas, teve um período que meu apelido era Mariele, em comparação ao assassinato da parlamentar do Rio de Janeiro. Vira e mexe algumas críticas mais ofensivas são feitas nas minhas redes sociais.

No dia 11 de julho, a senhora sofreu transfobia em uma

sessão da Câmara, quando se sofrido nas suas atividades dirigiram à senhora usando pronome masculino. Como se sentiu?

Foi tudo muito complexo. A partir do momento da fala da vereadora, várias ações foram tomadas, como boletim de ocorrência de crime de injúria e denúncia no MP. Mas, infelizmente, o delegado tratou o acontecido como fato atípico e o promotor arquivou com o discurso de que não era um fato recorrente e não houve intenção de ofender. Pessoas que deveriam ter sensibilidade, não querem se envolver com o tema transfobia. Moro numa cidade de 52 mil habitantes e às vezes essas pessoas não querem se indispor.

No dia 15 de outubro a senhora organizou a parada lgbtqiap+ e o local da concentração seria na sede dos torcedores do São Paulo. Pelo segundo ano consecutivo, a torcida organizada alegou que o espaço estava em obras. Foi uma homofobia disfarçada?

Estamos na sexta edição da parada, a sede da torcida ocupa um prédio na avenida há, apenas, dois anos e meio. Por dois anos consecutivos recebi ligações, umas mais diplomáticas e outras mais ofensivas, para que a gente mudasse o local da concentração. Não temos que arredar um centímetro, fui resistente, pois a via é pública e por lei estamos lá bem antes deles.E aí, a pseudo heterossexualidade se faz presente. No mesmo período, por dois anos [seguidos] "reformaram" o prédio. No ano passado, até o poste de energia foi envelopado. No futebol, o único preconceito que eles combatem é o racismo. Poderiam ser inclusivos, pois somos uma população de milhões de LGBTs.

Houve mais algum caso de homofobia e/ou transfobia

políticas?

Eu digo sempre que nunca sofri uma agressão física. Agora, agressões psicológicas acontecem todos os dias. O pronome certo de tratamento é o erro mais comum cometido por todos. Essa semana recebi um convite que estava escrito "Senhor Presidente". Hoje eu tenho os meus documentos retificados, mas mesmo assim por muitas vezes tenho que escutar que meu nome não é Tieta.

O que você diria para um jovem da comunidade lgbtqiap+ que tem vontade de entrar na política, mas sente medo?

Esse recado não é só para a política, mas para tudo na vida desses jovens. Não desistam, estudem. "Se o preconceito é uma doença, a informação é a cura". Pessoas preparadas sempre vão ter argumentos para derrubar os preconceituosos. Trabalhem, o trabalho abre portas. Não desistam, ocupem todos os espaços que são nossos por direito. Ninguém vai voltar pro armário.

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade pratica da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp Universidade de Ribeirão Preto.

COORDENAÇÃO DO CURSO DE **JORNALISMO** 

Prof<sup>o</sup> Geraldo José Santiago

ORIENTAÇÃO E EDIÇÃO Prof<sup>a</sup> Elivanete Zuppolini Barbi

PAUTAS, ENTREVISTAS E REDAÇÃO

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem - 2ª etapa

APOIO TÉCNICO

Janio Warlem (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)